



A Alteridade e o Outro(s)

Peter Praxmarer

EXECUTIVE DIRECTOR, EUROPEAN MASTERS IN INTERCULTURAL COMMUNICATION (EMICC), UNIVERSITÀ DELLA SVIZZERA ITALIANA (USI), LUGANO, SWITZERLAND

O que é?

A alteridade pode ser vista como uma articulação da diversidade, bem como uma definição das diferenças. Ela é constitutiva e está inexoravelmente ligada ao Mesmo e ao Eu – nenhuma conceptualização do Outro ('Eles') é possível sem a conceptualização do Mesmo e do Eu ("Nós"). Esta conexão constitutiva é compreendida, por exemplo, de uma forma muito positiva na tradição filosófica da África do Sul através do conceito de Ubuntu. Todavia, muito frequentemente, as conotações são demasiado positivas apenas para o "Nós", para o intragrupo e largamente negativas para o "Eles", os Outros: nós somos civilizados, eles são selvagens. Referindo-se essencialmente às relações sociais, a Alteridade depende do contexto, da posição que ocupa e do tempo. As três revoluções na mobilidade nas últimas décadas (migrações humanas, tecnologias da informação e comunicação e fluxos e globalização de mercados) têm destruído a figura relativamente estável e territorializada do Outro e criado uma nova, efémera, sempre em mudança e independente do espaço, como é o caso do refugiado, do imigrante, do trabalhador migrante, do "nómada global", mas também do inimigo ubíquo (inimigo interior) ou terrorista.

Quem usa o conceito?

As ciências sociais e comportamentais e as ciências naturais, bem como as humanidades, baseiam-se neste conceito fundamental, tal como muitas classificações taxonómicas ou comparativas já destacaram. Recentemente, vários grupos marginalizados (ex. as primeiras nações colonizadas, a comunidade LGBT e outros grupos que se autodefinem como diversos e diferentes) têm ganho voz ao contestar as percepções do Outro sobre eles e sobre as suas culturas, usando a Alteridade como conceito emancipador.

Relação com o diálogo intercultural

A forma como o conceito pode fomentar o diálogo intercultural depende principalmente de como "os Outros" são percepcionados: será que eles são vistos como um problema ou como uma ameaça a ser excluída – ou ainda como uma oportunidade e recurso a ser incluído em processos e efeitos do diálogo.

O que falta fazer?

Há três principais desafios que correspondem também a interrogações. Primeiro, exige-se um conhecimento explícito sobre a relevância relativa da Alteridade quando se identificam as



suas dimensões: porquê e de que formas os outros são vistos como diversos e diferentes? Segundo, uma resposta clara é necessária para a seguinte questão: para que propósitos queremos o diálogo com o(s) Outro (s) – e por que razão devem o(s) Outro(s) querer dialogar conosco? Terceiro, que unidades de análise são significativas para o diálogo intercultural com o(s) Outro(s)?

Fontes

- Cannadine, D. (2013). *The undivided past: Humanity beyond our differences*. New York: Alfred A. Knopf.
- Gabriel, Y. (2012). [The Other and Othering: A short introduction](#).
- Jammer, P. (Ed.). (2010). *Café philosophique: A season of “the Other”*. Newcastle, UK: Newcastle Philosophy Society.
- Kapuscinski, R. (2008). *The Other*. London: Verso.

Tradutora: Filipa Subtil